

A Missão Cultural Brasileira no Paraguai como via de aproximação (1950 -1960).

Daniele Reiter Chedid¹*

* UFGD- Brasil

A história das relações políticas entre Brasil e Paraguai ocupa um lugar primordial na busca pela compreensão das relações de poder do contexto sul-americano, onde as disputas pela hegemonia do continente entrelaçam países como Argentina, Brasil e Paraguai. Encontramos nas décadas de 1950 e 1960 um fecundo campo de estudo sobre a política bilateral Brasil-Paraguai por nos valermos de fatos expressivos relativos à política externa e interna dos países em questão.

O estudo político aqui proposto enxerga os “fatos políticos ‘como expressão de fatos culturais’, como revelador de coisas mais profundas” (Remond, 1999: 57), e é neste caminho que direcionaremos nossos esforços científicos.

O Paraguai ao longo da história foi alvo de disputa entre o governo brasileiro e argentino, fazamos então um recorte temporal entre as décadas de 1950 e 1960 no intuito de potencializar os resultados de nossa análise. Sabemos que durante essas duas décadas o Brasil se articulou para uma aproximação com o país vizinho. Entendemos esse processo como, dentre outras coisas, uma tentativa de consolidar sua hegemonia no continente. Esta política por sua vez provocava atrito com a Argentina, pois esta “constituía-se em obstáculo aos interesses regionais brasileiros, na medida em que, também, apresentava como projeto estratégico, a hegemonia na região” (Moraes, 2003: 384).

Ao analisar as intenções brasileiras para com o país vizinho Menezes (1987: 09) explora a atuação do Itamarati e observa que este:

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil.

(...) na década de 50 começou a buscar mercados e o Paraguai foi o primeiro país onde o Brasil exercitou sua abertura para o mundo hispânico. Um mundo difícil, historicamente desconfiado, porém importante para a política externa do Brasil na área do Prata.

A política externa brasileira estava voltada para uma aproximação com o governo paraguaio e encontrou na figura de Alfredo Stroessner uma espécie de aliado. Desde que assumiu o poder em 1954 Stroessner manteve estreitas relações com o Brasil sendo até mesmo adjetivado como “brasileirista”. Seu governo ditatorial se estendeu até 1989 marcando a história paraguaia com uma mancha de repressão e violência em que proibia qualquer cidadão de se manifestar contrário às suas idéias. O Brasil se manteve ligado à política do ditador apoiando-o militar, financeira e culturalmente.

Nas primeiras duas décadas em que Stroessner esteve no poder encontramos inúmeros atos de aproximação e estreitamento dos dois países, dentre eles destacaremos neste artigo a atuação da Missão Cultural Brasileira no Paraguai. Esta Missão teve suas funções e objetivos sistematizados num acordo assinado em 1952 e esteve em vigor até 1974. Sua idéia inicial era organizar cursos de português, cooperar com a Universidade Nacional de Assunção e desenvolver projetos educacionais de intercâmbio, porém, logo tomou grandes proporções: seu potencial passou a ser visto dentro de uma lógica estratégica de dominação.

É compreensível o potencial de atuação da Missão, pois, “na sociedade capitalista, a ideologia da classe dominante em geral informa, influencia e predomina no pensamento das outras classes sociais” (Ianni, 1979: 14). Tanto o General Stroessner quanto o Brasil parecem ter visto na Missão uma forma de mudar a “mentalidade a respeito das relações bilaterais” (Moraes, 2000: 100) e de passar a imagem de que o Brasil seria um amigo aliado, interessado no progresso paraguaio e que ajudava o governo Stroessner a proporcionar um avanço cultural, ao contrário da Argentina que costumava subjugar o Paraguai e se opor às políticas stronistas.

Se analisarmos os documentos trocados entre o Itamarati e a embaixada brasileira em Assunção podemos constatar que a Missão vinha se encaixar na política externa brasileira. Ceres Moraes (2003) ao tentar compreender como se deram as relações entre Brasil e Paraguai entende que estas se deram, sobretudo, pautadas na política internacional da época. A autora nos lembra ainda que a preocupação com a Argentina era uma constante e afirma que:

Dentro dessa perspectiva de pragmatismo na política exterior, em nível regional, o governo Vargas, especificamente na região sul do continente, adotou uma eficiente política de aproximação com os países vizinhos. O governo brasileiro procurou, por meio do aumento do comércio e de uma intensa atividade diplomática do Itamarati, ampliar sua presença econômica e política, especialmente nos países fronteiriços, com o nítido objetivo de diminuir e, paulatinamente, substituir a influência argentina na região. (P.26)

Um dos documentos que expressam mais claramente as intenções do Itamarati em manter a Missão atuando em terras guaranis é o Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai referente ao ano de 1953, apresentado pelo então chefe da mesma, Professor Albino Peixoto. Neste relatório observamos que a abertura econômica paraguaia via Brasil ainda não havia acontecido na primeira década da Missão, e então o Itamarati entendia que “no Paraguai, dada a sua fatalidade geográfica condicionando sua vida econômica ao Prata, a via de aproximação efetiva deve(ria) ser a cultural, e para ela é(ra) necessário dar o melhor dos esforços”.

Essa aproximação cultural intencionada pelo Brasil encontra algumas explicações às quais encaminharemos nossa discussão. É fato que somente a partir de 1956, quando Juscelino Kubitschek assumiu o poder, foi que Brasil e Paraguai se ligariam economicamente de forma concreta, pois, segundo Menezes, este foi “o presidente brasileiro que abriu as portas do Brasil para satisfazer o sonho de Alfredo Stroessner em ter uma saída para o seu país em direção ao leste”. Essa abertura teve

como marco a Ponte da Amizade inaugurada em 1964 que ligava a então cidade de Porto Presidente Stroessner (hoje Ciudad del Leste) permitindo ao Paraguai ter acesso ao oceano Atlântico via Brasil, livrando-se da histórica dependência do porto de Buenos Aires. Sendo assim, por não ter essa abertura ainda realizada na primeira metade da década de 60, a “via cultural”, tendo como conceito de cultura “o conjunto de obras, realizações, instituições – que conferem originalidade e/ou autenticidade à vida de um grupo humano, inclusive seus usos e costumes, nem sempre imediatamente dados” (Falcon, 2002: 60), se configurava uma estratégia brasileira em terras guaranis.

Outra explicação para o Brasil apostar nos resultados da Missão Cultural era a grande potencialidade de modificar as relações entre os dois países pela atuação no cenário cultural paraguaio. Octavio Ianni em seu livro *Imperialismo e cultura* analisa com louvor como a cultura vem de encontro às intenções de dominação de uns sobre outros, de classes e instituições sobre outras. Neste sentido, de uso da cultura para atender interesses distintos, Ianni (1979) considera que existe uma indústria cultural que trabalha para possibilitar essa dominação. Segundo o autor esta indústria

(...) envolve a produção e comercialização dos elementos da cultura espiritual que favorecem e permitem aperfeiçoar a reprodução das relações capitalistas de produção. Por isso, compreende tanto os meios de comunicação e vulgarização da arte como também a produção e a difusão de ciência e tecnologia. (p. 59)

A Missão Cultural Brasileira no Paraguai seguia o interesse do Itamarati de aproximar os paraguaios do Brasil. Era preciso, na busca pela hegemonia no continente, modificar o estigma negativo que a população paraguaia tinha em relação ao Brasil, sobretudo após a Guerra do Paraguai. A cultura paraguaia poderia então sofrer influências que permitissem mudar as tradições, não de todas, mas de uma porção seletiva da população. Peter Burke teoriza sobre as tradições afirmando que estas não

são inventadas e sim recriadas numa tentativa de bricolagem, de dar novos usos a materiais antigos. Segundo Burke (2001: 01), a cultura está sempre sendo recriada "como uma espécie de canteiros de obras onde os andaimes nunca são desmontados porque a reconstrução cultural nunca termina".

Assim, se partimos do pressuposto de que a cultura paraguaia poderia ser influenciada e as tradições modificadas o Itamarati tinha na Missão cultural um meio promissor de auxiliar na transformação das relações entre os dois países. Obviamente não devemos cair em um determinismo e afirmar que a efetiva aproximação que podemos sentir nos tempos atuais se deve estritamente aos resultados da Missão, porém, não podemos deixar de considerar que esta se soma ao conjunto de políticas (econômicas, sociais, etc.) que configurou a relação bilateral existente.

Para entendermos as atividades da Missão recuamos nossos olhares para as décadas de 1950 e 1960 no intuito de analisarmos na humildade de um artigo um pouco de sua atuação. Parece-nos fortuito transcrever aos leitores outro trecho do Relatório de 1953² onde as intenções da Missão são novamente explicitadas:

A nossa esfera de ação no campo cultural se expande dia a dia, e com ela a confiança, por parte das autoridades governamentais e do povo, no nosso trabalho. (...) O nosso trabalho, que vai da escola primária, à escola secundária e à superior, deixa marcas na alma paraguaia e podemos afirmar que se não houver solução de continuidade e seguirmos neste rumo, dentro alguns anos, teremos no Paraguai a elite e grande parte do povo atraídos pela nossa cultura e identificados com ela.

Acreditamos que a sobreposição do Brasil sobre o Paraguai, condição necessária à consolidação da hegemonia no continente, só pode ocorrer de fato se sua população estiver condicionada à isso. Neste intuito ter “grande parte do povo atraídos pela nossa cultura e identificados com ela” permite que o Brasil ocupe espaços estratégicos no

² Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai referente ao ano de 1953, apresentado pelo então chefe da mesma, Professor Albino Peixoto Jr.

cotidiano guarani. Se os objetivos da Missão fossem seguidos e a cultura brasileira penetrasse, além de facilitar as relações entre os dois países, teríamos uma enorme vantagem cobiçada ao longo da história: o afastamento da influência argentina.

A aproximação brasileira via Missão Cultural, ao contrário do que pensavam os paraguaios, não se dava por motivos de solidariedade ou comprometimento com o desenvolvimento ou futuro paraguaio. Menezes (1987: 63), ao analisar os fatos, concluiu que esta se deu “não por motivos ideológicos, mas sim por motivos econômicos e políticos”. O Paraguai significava um novo mercado para os produtos industrializados do Brasil e por isso as vias de estreitamento eram importantes para que isso que concretizasse.

Dentre as atividades da Missão Cultural Brasileira no Paraguai merece destaque aquelas que se destinaram à Faculdade de Filosofia de Assunção. Nela a atuação do Itamarati se dava de forma expressiva, pois, acreditava-se que dali sairia os futuros políticos e pensadores paraguaios. Estar atuando no cotidiano destes intelectuais significava estar plantando sementes ideológicas que auxiliariam nas relações futuras entre os dois países. Esta busca pela hegemonia de poder brasileiro tinha na via cultural uma possibilidade que foi altamente explorada pelo Brasil. Poder este que Foucault (1985) explicara em *Microfísica do Poder* ao dissertar que:

Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. (p. 14)

A Faculdade de Filosofia de Assunção, por ter uma relativa carência em sua estrutura física e de efetivos, fornecia uma abertura à colaboradores externos. A Argentina por muito tempo preenchia algumas destas lacunas, contudo, após a

implantação da Missão, a participação brasileira neste fulcro se deu de forma prevalecte conseguindo afastar a maioria de suas intervenções. A Missão ajudava nas questões estruturais da Universidade por meio de doações financeiras e de materiais diversos como exemplares bibliográficos. Merece destacar que a participação nesta Faculdade foi tão intensa que até mesmo seu atual prédio foi uma obra doada pelo governo brasileiro e inaugurada, não coincidentemente, em 07 de setembro de 1964.

Segundo entrevista³ com Abelardo de Paula Gomes, ex chefe da Missão, foram gastos mais de um milhão e seiscentos mil dólares no que deveria ser o prédio central de toda a Universidade de Assunção. Esta só não se configurou como tal devido à ocupação dos terrenos das imediações por residências.

O fato é que neste prédio o governo brasileiro possuía estreitas relações de poder dentro da Faculdade e os objetivos estimados com tal política encontram-se em diversos documentos oficiais. O Documento nº 299 da Missão Cultural Brasileira no Paraguai à Secretaria de Estado das Relações Exteriores, escrito em novembro de 1954 pelo Professor Álvaro Vieira Pinto, então docente na Faculdade de Filosofia de Assunção, expressa o interesse brasileiro ao afirmar que:

A influência que pode ter sobre a cultura paraguaia é inegável, e por isso me atrevo a sugerir a Vossa Excelência que seria de toda conveniência que o Brasil não perdesse essa posição, de poder ser doador de cultura filosófica paraguaia, através da cátedra que aqui devemos manter. Não digo por mim, pois meu papel é transitório, mas para que não se perca o contato já agora estabelecido, não se abra mão da posição conquistada, antes seja mantido sempre um professor brasileiro da filosofia na Faculdade de Filosofia de Assunção, como meio reputo dos mais valiosos, não só para a representação da nossa cultura, como para a influência que possamos exercer sobre o desenvolvimento das novas gerações de intelectuais paraguaios. (P.4)

³ Abelardo de Paula Gomes. (nome real) 83 anos. País de origem: Brasil. Entrevista realizada na cidade de Assunção, Paraguai em outubro de 2006.

Essa atuação na vida das “novas gerações de intelectuais paraguaios” facilitaria as futuras relações entre brasileiros e paraguaios. Aceitar a “ocupação” brasileira, tanto política quanto econômica, no território vizinho dependia de uma ação paulatina que encontrava na Missão um caminho frutífero. A hegemonia brasileira, objetivo das políticas no continente, dependia de ela estar intrínseca no cotidiano paraguaio.

A política externa brasileira ao longo da história possui como característica elementar a diplomacia em que atos de força – no sentido físico do termo – não são praticados. Isto preserva a imagem – construída no corolário histórico – de um Brasil pacífico e amistoso que podemos constatar no imaginário brasileiro e paraguaio. É compreensível essa interpretação também dentro da Missão, pois as intenções do Itamarati que observamos nos documentos não conferem com aquilo que era passado à população. O discurso de pan-americanismo pautava as atividades realizadas e, talvez por isso, os espaços eram abertos para sua “contribuição”.

Em um período de Guerra Fria as idéias de pan-americanismo eram adotadas no intuito de afastar uma possível ameaça comunista unindo os diversos países em uma só corrente de pensamento: a capitalista. É nesse contexto de intenções políticas “maquiadas” ou muito bem “utilizadas” que a Missão atuava. Segundo documentos oficiais⁴ ela tinha “sua ação discreta e perfeitamente identificada com os ideais pan-americanistas”. Tal postura permitia que sua “esfera de ação no campo cultural se expande(disse) dia a dia, e com ela a confiança, por parte das autoridades governamentais e do povo, no nosso trabalho”.

A confiança no trabalho da Missão foi assumindo tamanha proporção que em outro documento⁵ os resultados otimistas informam que o Diretor da Faculdade de

⁴ Relatório da Missão Cultural Brasileira no Paraguai referente ao ano de 1953, apresentado pelo então chefe da mesma, Professor Albino Peixoto Jr.

⁵ Relatório da Missão Cultural Brasileira referente ao ano de 1955, apresentado por Albino Peixoto Jr., chefe da Missão ao Ministro Theodomiro Tostes, então chefe da Divisão Cultural do Itamaraty.

Filosofia “consulta o chefe da Missão até para atos administrativos”. Percebemos que a Missão, como via de aproximação, cumpria seu papel com louvor.

Neste artigo destacamos as atividades brasileiras na Faculdade de Filosofia, contudo, vale trazer a público seu quadro de atuação que em 1963⁶ totalizava 1.790 pessoas entre assistidos e orientados:

- 1) Faculdade de Filosofia: 298
- 2) Centro de Estudos Brasileiros: 285
- 3) Escolinha de Arte: 85
- 4) Atelier de Gravura: 22
- 5) Atelier de Arte Moderna: 96
- 6) Jardim de Infância: 6
- 7) Escola EE. UU. Brasil: 1000

Este número expressivo da atuação da Missão nos dá um panorama de sua abrangência. O Brasil influenciava na formação de crianças, adolescentes e adultos. A criação da arte paraguaia também era orientada pelo Brasil nas atividades da Escolinha de Arte, Atelier de Gravura e Atelier de Arte Moderna. Levando em consideração que a arte é expressão, a interferência ou influência em seu processo de elaboração seguramente alterava os resultados finais.

Outras atividades da Missão como intercâmbios estudantis e docentes, apresentações artísticas, palestras, cursos também colaboravam para a disseminação do programa.

Acreditamos que seja importante esclarecer que os paraguaios não eram uma espécie de tabula rasa atuando de maneira passiva. Consideramos a história como um processo dinâmico que não se interrompe. Dentro dela os indivíduos atuam numa espécie de troca de interesses que são mediadas pelo poder. Assim, os paraguaios aceitavam a intervenção da Missão por, dentre outros fatores, haver um espaço aberto,

⁶ Relatório da Missão Cultural Brasileira referente ao ano de 1963, apresentado por Abelardo de Paula Gomes, então chefe da Missão à Divisão Cultural do Itamaraty

uma carência de especialização intelectual paraguaia nestes setores. Além disso, se aquilo considerado mais “especializado” era oriundo do Brasil, por que razão não fazer uso de tal benefício?

Não nos é permitido, no curto espaço deste artigo, abrir uma discussão sobre como os paraguaios atuaram neste processo, bem como os resultados de todas essas relações. Aqui nos detivemos em analisar a Missão Cultural como via de aproximação entre os dois países e, a partir dos vestígios que analisamos, concluímos que as intenções do Itamarati eram realmente de utilizar a Missão neste sentido. Os documentos consultados sempre expressam claramente este intuito em cada atividade do programa.

O que nos interessa observar, além daquilo que nos está explícito, é a forma com que o Brasil soube utilizar a Missão para cumprir seus objetivos sem que estes fossem sentidos por aqueles que de alguma forma eram atingidos. Essas entrâncias das relações de poder são objetos de estudos de autores como Marilena Chauí (1988: 133), que ao dizer que “o autoritarismo dos dominantes no mundo contemporâneo se esforça para tornar-se invisível e ilocalizável” nos permite compreender porque as atividades do programa sempre se davam de forma “maquiada”. Por isso temos hoje no Paraguai a imagem da Missão como uma ajuda comprometida com o futuro paraguaio.

Segue então a história provocando lacunas e gerando novas histórias oriundas de processos científicos. A Missão Cultural se efetivou como via de aproximação entre Brasil e Paraguai, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960, seus efeitos na política atual é algo ainda astuciosamente a ser estudado.

Bibliografia

BURKE, P (2000): "Bricolagem de tradições". *Folha de S.Paulo*, Cad. Mais.

- CHAUÍ, Marilena (1988): *Cultura do povo e autoritarismo das elites*. In: *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez.
- FALCON, Francisco (2002): *História Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus.
- FOUCAULT, Michel (1985): *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- IANNI, Octavio (1979): *Imperialismo e cultura*. Petrópolis: Vozes.
- MENEZES, Alfredo da Mota (1987): *A herança de Stroessner: Brasil-Paraguai 1955-1980*. Campinas: Papirus.
- MORAES, Ceres (2003): *As políticas externas do Brasil e da Argentina: o Paraguai em jogo (1939-1954)*. Dissertação (Doutorado em História) – PUC/RS, Porto Alegre.
- MORAES, Ceres (2000): *Paraguai: o processo de consolidação da ditadura de Stroessner – 1954-63*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- REMOND, René (1999): *O retorno do político*. In: REMOND, René; CHAUVEAU, Agnès. (org.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC.